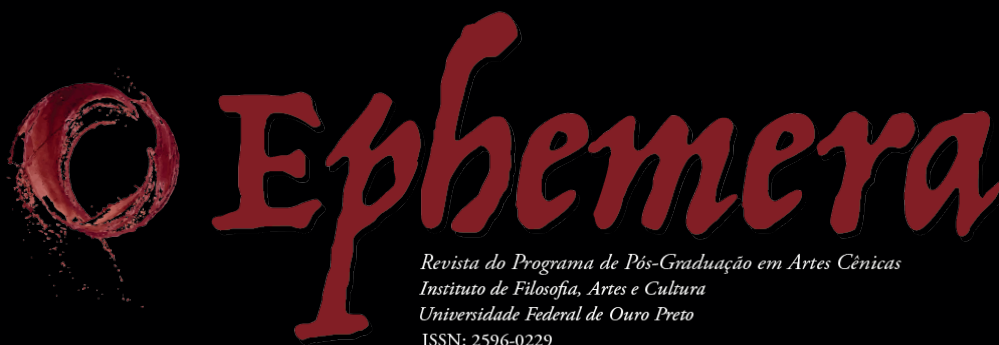




APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:
A cena na política e a política na cena

PRESENTATION OF THE SPECIAL ISSUE:
The scene in politics and politics in the scene

Christina Fornaciari

 <https://orcid.org/0000-0002-3551-4082>

Júlia Guimarães

 <https://orcid.org/0000-0003-0047-8250>

Júlia Morena Costa

 <https://orcid.org/0000-0002-2272-9893>

Juliana Coelho

 <https://orcid.org/0000-0001-5594-6002>

Raquel Castro

 <https://orcid.org/0000-0002-0698-857X>

Thálita Motta

 <https://orcid.org/0000-0003-4535-6310>

Apresentação do dossiê:

A cena na política e a política na cena

Presentation of the Special Issue:

The scene in politics and politics in the scene

A extrema direita hoje atuante no Brasil e em vários outros territórios mundiais é um campo político heterogêneo, de difícil definição e de composição mutável, no qual o conservadorismo moral e a radicalização do neoliberalismo convergem. A partir de eventos locais, a extrema direita vem ganhando importância nas disputas dos votos e na proposição de pautas públicas de ataque aos direitos humanos e à comunidade científica, na defesa de práticas conservadoras no campo da moralidade e na incitação à xenofobia, por exemplo, como visto no projeto estadunidense estruturado no presente ano.

Este campo que atualmente tem no Brasil o bolsonarismo como um de seus grandes expoentes, não se limita a ele e, mesmo após a derrota nas eleições presidenciais de 2022, continua demonstrando força nas redes sociais, em governos estaduais e municipais e nas casas legislativas. Com representantes que agem em diferentes esferas, a extrema direita no Brasil continua atuante, com grande incidência midiática e com ações muitas vezes articuladas internacionalmente. Fenômeno semelhante ocorre em vários países, como Argentina, Chile, Portugal, Itália, Espanha, Estados Unidos, Japão, entre outros. As ações espetaculares destes representantes são o ponto de partida para lidar com as reflexões que apontam para múltiplos aspectos relacionados às performances políticas da extrema direita.

Nos últimos anos, entram em cena análises que observam a relação entre estratégias performativas, efeitos e sentidos produzidos, e a instalação desta extrema direita no Brasil e nos demais países elencados. Constituindo um trabalho em constante elaboração, essas pesquisas vêm tentando abarcar, cada uma a partir de um ângulo próprio, uma variedade de aspectos das performatividades radicais desse campo político. No Brasil, o recorte temporal geralmente estabelecido tem como marco inicial as Jornadas de Junho de 2013, se detendo em processos como as campanhas pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, a intensificação do bolsonarismo antes, durante e após as eleições de 2018 e, finalmente, os chamados atos do 8 de janeiro de 2023.

O presente dossiê integra uma investigação mais ampla e pregressa acerca das relações entre performatividade e política, nome dado a uma das linhas de pesquisa do grupo CRIA – Artes e Transdisciplinaridade, vinculado ao CNPq e atualmente coordenado pelos professores Fernando Mencarelli e Mônica Ribeiro, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais. A linha Performatividades e Política foi fundada em 2018, no contexto de interlocuções entre as integrantes Julia Guimarães (UnB) e Juliana Coelho (USP) e o coordenador do CRIA, Fernando Mencarelli. Posteriormente, somaram-se ao grupo as professoras e pesquisadoras Raquel Castro (UFOP),



Thálita Motta, Christina Fornaciari (UFV) e Júlia Morena Costa (UFBA)¹. A linha de pesquisa surge da constatação de que havia um forte componente performativo e teatral nas manifestações políticas brasileiras desde as Jornadas de Junho de 2013, aspecto posteriormente intensificado pelos diferentes modos de atuação da extrema direita brasileira desde então.

Conectada aos propósitos transdisciplinares mais amplos do grupo CRIA, voltados ao desenvolvimento de uma pesquisa transdisciplinar que utilize como base os princípios e metodologias do conhecimento em artes, a linha Performatividades e Política tem atuado, desde o seu surgimento, na investigação do tema que dá nome a este dossiê: “A cena na política e a política na cena: miradas sobre a teatralidade da extrema direita contemporânea”. Seja sob a forma de artigos e capítulos de livros publicados, participação em congressos e realização de webnários; ou, ainda, sob um enquadramento mais artístico, por meio de cursos/oficinas teórico-práticas e espetáculos cênicos², a atuação do grupo centra-se na pergunta mais ampla sobre os modos de conhecer favorecidos pelas artes da cena e, mais especificamente, sobre como compreender a política brasileira contemporânea sob as lentes da performatividade.

Esse questionamento serviu de pilar para este dossiê cujo objetivo é propor um espaço de investigação e análise de episódios e performances da política recente, no Brasil e nos demais territórios que experimentam o crescimento da extrema direita, propondo reflexões acerca dos atos políticos radicais dos últimos anos, a partir de teorias e de práticas oriundas do teatro e dos estudos da performance, bem como entender trajetórias que traçam linhas de resistência e novos campos de força. Trata-se de contribuições de diversas naturezas - a partir de pesquisas, teóricas ou empíricas, visando a ampliar o diálogo nesse âmbito - como também ensaios e entrevistas. Além disso, este dossiê abrange estudos sobre espetáculos teatrais e performances artísticas que tematizam a extrema direita ou que se tornaram seus alvos. Desse modo, uma pergunta funciona como cerne desta investigação/proposta: de que modo o teatro, pensado como forma social de conhecimento, pode nos ajudar a compreender a política contemporânea? Os textos aqui reunidos buscam tensionar essa questão sob diferentes prismas.

Júlia Morena Costa, em **Mulheres na política: da domesticação à adjacência, entre primeiras damas e *tradwives***, aborda a desvalorização e perseguição às práticas, estudos e discursos

1 Atualmente, a linha Performatividades e Política conta com nove integrantes (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/41302>), embora o núcleo que tem se dedicado a investigar o recorte específico aqui proposto é formado pelas pesquisadoras que compõem a comissão editorial deste dossiê.

2 Como exemplo das vertentes de atuação da linha, podemos citar os seguintes desdobramentos: 1. Participação no congresso [Artes do Corpo e Corpos da Arte – 14º Congresso Internacional de Estética Brasil \(2018\)](#); 2. Participação no [Congresso UFBA 75 anos](#) (2021); 3. Participação no [seminário ARTE E NECROPOLÍTICA - da omissão à tomada de posição nas práticas cênicas](#) (VIII Seminário de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto); 4. [Realização do Ciclo de debates: Teatralidade e performance na política](#) (UFMG/NELAP/2022); 5. Realização da [oficina Performatividades e Teatralidades na Política, no Festival de Verão UFMG](#) (2020); Realização do [curso Política Contemporânea e Suas Teatralidades](#), no Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do SESC SP (2021); 6. Realização da cena curta e, posteriormente, da convenção-espetáculo *online* “Quem vai olhar as crianças?” (2021 – Direção de Thálita Motta, Thales Brenner e Raquel Castro. Dramaturgia: Raquel Castro e Sofia Souza); 7. Publicação de artigos (Coelho; Guimarães, 2022. Costa, 2023. Costa, 2024. Costa, 2020. Fornaciari et. al., 2022. Fornaciari, 2016. Ladeira, 2020. Ladeira, 2022. Melo, 2019).



de mitigação das desigualdades de gênero e dos direitos sexuais; as campanhas midiáticas de retorno das mulheres ao espaço doméstico; e a instrumentalização das mulheres como adjacentes para candidaturas e políticas masculinas, entendendo estes recursos como três das estratégias da extrema direita contemporânea para diminuir a clivagem de gênero nas eleições. Para tal, o ensaio se debruça sobre as produções cênicas de *influencers tradwives* e o uso de mulheres adjacentes, em especial, as primeiras-damas das eleições de 2022, como espetacularização da construção de lugares binários e estereotipados de gênero para as mulheres na micro e na macropolítica, de forma associada.

Na seção Tradução, Paolo Demuru, em **QAnons, antivacinas e influenciadores de bem-estar: uma perspectiva semiótico-discursiva sobre os vínculos entre teorias da conspiração, espiritualidade e wellness**, analisa, a partir da semiótica, os mecanismos que atuam na sobreposição entre as teorias da conspiração relacionadas ao *QAnon*, aos atos antivacina e de descrédito da Covid-19, assim como da espiritualidade e do bem-estar. A partir de conceitos de tradução de Lotman e de semiótica discursiva de Greimas, o autor aborda ainda o contato entre estas semiosferas diversas, que atuam concomitantemente nas produções de extrema direita, e como a espiritualidade e o bem-estar foram usados para amenizar e disseminar fake news e posições extremistas nas mídias sociais, gerando conteúdos de difícil análise.

No artigo **Anotações sobre as raízes estéticas do fascismo**, João Guilherme Paiva desdobra a hipótese de Peter Sloterdijk, em “Crítica da Razão Cínica”, segundo a qual a emergência do fascismo se deve ao estabelecimento de uma ética cínica na cultura. O autor afirma que, ao contrário do cinismo grego – afeito a uma lógica disruptiva – o cinismo moderno se constrói de uma “consciência autorreflexiva [que] não cessa de se perguntar sobre a validade da ação”. A partir da análise de personagens dramáticos que apelam a uma razão cínica própria da modernidade – como Peachum, de Bertolt Brecht (*Ópera dos três Vinténs*), e o Sobrinho, de Denis Diderot (*O Sobrinho de Rameau*) – o autor aproxima princípios estéticos, como a paródia e a autoironia, ao modo de governar de figuras atuais descendentes do fascismo.

Em **A poética do deboche contra a máquina de desinformação da extrema direita em plataformas digitais**, Luciana Mizutani se debruça sobre os ataques das extremas direitas a um dos fundamentos da democracia: o conceito de verdade. A análise detalha o funcionamento da máquina de desinformação global operada por esses grupos e propõe estratégias para enfrentá-la. Identificando a desinformação como um fator central na radicalização do eleitorado — uma força que dissolve a realidade compartilhada e que cria uma episteme apartada de outros setores da sociedade — o texto sugere princípios artísticos para montar táticas que explorem as vulnerabilidades dessa máquina. A arte digital é destacada como uma ferramenta estratégica contra a extrema-direita, exemplificada pela experiência da própria artista que, nas eleições brasileiras de 2022, utilizou humor e entretenimento nas redes digitais como forma de militância.

Já o artigo **O gesto das palmas na performance contra Gisberta** aborda o modo como a ascensão da extrema direita potencializa a supressão e marginalização de pessoas transgênero de espaços sociais, incluindo o teatro. Para isso, Marcio Freitas traz o caso do espetáculo *Gisberta*



(2017) solo do ator cisgênero Luis Lobianco, que interpretou a história real da mulher transgênero brasileira de mesmo nome, assassinada em Portugal, por motivo de transfobia. Tal “transfake” - e a contínua exclusão de pessoas trans do elenco e da equipe do espetáculo - gerou protestos de coletivos trans e, apesar disso, o espetáculo continuou sendo encenado e aplaudido. No texto, o gesto de aplaudir é analisado pelo autor, tendo seu ápice numa apresentação de 2018, no Teatro Vidal, na qual a violência simbólica produzida pelo público ao ovacionar o espetáculo após o protesto da manifestante Dandara Vital é ressaltada como reflexo da política de extrema direita no Brasil.

A partir da obra *La Bête*, o artigo **Para salvar os bichos**, de Daniel Freire Guerra, investiga as reverberações da performance de Wagner Schwartz, oito anos após o impacto que a polemizou em 2017, quando caiu em teia bolsonarista e foi usada em sua retórica de costumes para fins de elegibilidade. O autor do artigo analisa os procedimentos formais frente à grandiosa fortuna crítica da obra, lançando mão do romance autobiográfico do artista, lançado em 2023. São analisados três procedimentos principais – a interrupção, a suspensão e a transformação – como formas de pensar os conflitos sociais do Brasil e, para além, questionar também os conflitos atuais frente ao campo da arte contemporânea.

O artigo **Liberdade de expressão artística e contra-públicos conservadores: análise das controvérsias em *Desenhando com Terços* e *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do céu***, de Giuliana Kauark, João Domingues e Caroline Dumas parte do conceito de “contra-público” para analisar as tensões em torno da liberdade de expressão artística no Brasil, destacando as controvérsias envolvendo a performance *Desenhando com Terços*, de Márcia X., e o espetáculo *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do céu*, protagonizado pela atriz trans Renata Carvalho, ambos tomados como alvo de censura vinculada a questões religiosas. Embora o conceito de contra-público usualmente seja utilizado para nomear grupos marginais que desenvolvem discursos de oposição à narrativa dominante, ele é explorado no artigo a fim de analisar as estratégias de censura imputadas pela extrema direita brasileira sobre os espetáculos citados, justamente pelo caráter disruptivo e supostamente *anti-establishment* das performances políticas deste grupo na esfera pública. O artigo conclui que, ao mobilizar seu público por meio de “distúrbios e emoções intensas, como repulsa e indignação”, tais manifestações da extrema direita brasileira promovem um engajamento que intensifica sua presença na arena pública atual.

Mobilizando autores como Roberto Schwarz e dialogando com pesquisadores como André Castro e João Marcos Duarte, no artigo **O outro é um eu - Parte 2**, Alexandre Dal Farra propõe um tensionamento da dicotomia que opõe o “nós esclarecidos” ao “eles ignorantes”. Nesse sentido, o texto se inscreve como uma intervenção crítica que visa a romper com a autorreferencialidade do campo progressista, abrindo espaço para uma escuta ativa – não condescendente nem instrumental – do outro político, religioso e ideológico. O autor expõe, ainda, como sua própria trajetória artística, por meio de peças como *Mateus, 10* (2012) e *Verdade* (2022), foi atravessada por resistências quando buscou representar essas subjetividades com complexidade e humanidade, e não apenas como inimigos a serem combatidos.



Bruna Kalil Othero presenteia este dossiê com o ensaio-poema-manifesto **No que pensa o gado?** percorrendo com ironia aguda os campos do agronegócio, da literatura, da política e da identidade nacional. A autora propõe uma leitura multifacetada da história cultural do Brasil sob a lente da devastação ambiental, do colonialismo violento, da misoginia persistente e da estetização ideológica promovida pelo agronegócio, tensionando os discursos hegemônicos que sequestraram símbolos nacionais e estetizaram a destruição da terra sob a marca do “agropop”. A escolha por um estilo híbrido - entre a crônica, o manifesto e a poesia - reforça o caráter ensaístico do texto como forma de conhecimento insurgente, comprometido com a reinvenção crítica da linguagem e da memória nacional. Ao interrogar o que pensa - ou se pensa - o gado, Bruna Kalil Othero convoca o leitor a refletir sobre o lugar que ocupa nesse sistema, e sobre os discursos que consome, repete ou resiste. É, sobretudo, um exercício crítico de reimaginação política e estética do país: “e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade”.

Culminando na entrevista **Eu sempre fui do teatro, eu sempre fui de um outro lugar**, que encerra este dossiê, Juliana Coelho e Thálita Motta conversaram com Cida Falabella — atriz, diretora, professora e vereadora pelo PSOL em Belo Horizonte — sobre sua trajetória entre o teatro e a política institucional. Com início no teatro em 1976 e na política em 2017, Cida Falabella é referência em práticas artísticas engajadas, sobretudo à frente da Cia ZAP 18, grupo sediado no bairro periférico Serrano. Ao longo da entrevista, ela reflete sobre como sua formação teatral influenciou profundamente sua atuação política, propondo uma práxis que compreende a teatralidade como forma de criação e resistência tanto na cena quanto na vida pública. Do enfrentamento à censura na juventude ao mandato coletivo da *Gabinetona*, Cida defende um teatro de grupo como estrutura viva de pensamento, formação e transformação — uma potência que atravessa o micro e o macro, o simbólico e o institucional. Seu relato constitui um importante testemunho sobre os cruzamentos entre arte, território e política, revelando o potencial do teatro como prática de escuta, mobilização e reinvenção do cotidiano.

Enfim, esperamos que este dossiê faça jus à complexidade do tema, compreendendo seus diversos eixos analíticos iterativos e entrecruzados: a presença da violência como estética e linguagem; a fabricação da precariedade como emulação de autenticidade; a economia da atenção nas redes; os comportamentos restaurados e a encenação de tipos; a teatralização dos afetos políticos; o embate entre cena e censura; e a problematização das relações entre espetáculo e verdade, entre emoção e manipulação, entre narrativas autoritárias e resistências criativas.

Ao reunir pesquisadoras e pesquisadores de diferentes regiões do país, com trânsito entre o fazer artístico e a pesquisa acadêmica, acreditamos estar fortalecendo uma rede de análise crítica para ampliação do debate sobre os nexos entre artes da cena e política, buscando caminhos para enfrentar os desafios postos pelas formas contemporâneas de autoritarismo.



Referências

COELHO, Juliana, GUIMARÃES, Julia. Pátria, Família e Armas: uma reflexão sobre os protestos da direita brasileira (2013-2021), *European Journal of Theatre and Performance*, [S. l.], n. 4, 2022. Disponível em: <https://journal.eastap.com/eastap-issue-4/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

COSTA, Júlia Morena. Emulações da Precariedade e Autenticidade nas Cenas Bolsonaroistas: Análises da Estética da Extrema-Direita Brasileira. *Revista Letra Magna*, Cubatão, n. 19, v. 32, 2023. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/magna/article/view/2131/1398>. Acesso em: 06 ago. 2025.

COSTA, Júlia Morena. *ESPETÁCULOS POLÍTICOS, CENAS DE BARBÁRIE*: uma análise da performatividade de poder da extrema-direita brasileira. In: REIS, Livia; PARAQUETT, Marcia. AMARAL, Vitor Alevato do (org.). *Literatura(s): trânsitos e diálogos*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2024. Disponível em: <https://www.edicoesmakunaima.com.br/wp-content/uploads/2024/07/Literaturas-transitos-e-dialogos-1.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2025.

COSTA, Júlia. Os gatilhos presentes no pronunciamento de Jair Bolsonaro. *Portal Catarinas*, [S. l.], 2020 Disponível em: <https://catarinas.info/os-gatilhos-presentes-no-pronunciamento-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

FORNACIARI, C. et al. Teatralidades e performances na política brasileira contemporânea. In: GERALDI, S. et al. (org.). *Artes da cena e direitos humanos em tempos de pandemia e pós-pandemia*. Rio Branco: Stricto Sensus Editora, 2022. p. 492-510. Disponível em: <https://sseditora.com.br/ebooks/artes-da-cena-e-direitos-humanos-em-tempos-de-pandemia-e-pos-pandemia/>. Acesso em: 06 ago. 2025.

FORNACIARI, Christina Gontijo. Junho de 2013: arte e política em performances do corpo social. *Pitágoras 500*, Revista de Estudos Teatrais, v. 6, n. 1, 2016, p. 36-46. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8647180/14094>. Acesso em: 06 ago. 2025.

LADEIRA, Juliana Coelho de Souza. Le corps féminin en performance : une étude de cas des mouvements #elenão et #elesim, *L'Ethnographie*, [S. l.], 2020 Disponível em: <https://revues.mshparisnord.fr/ethnographie/index.php?id=646>. Acesso em: 06 ago. 2025.

LADEIRA, Juliana Coelho de Souza. O púlpito como palco: estratégias performativas e teatralidade em Damara Alves, *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 12, n. 2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-2660113634>. Acesso em: 06 ago. 2025.

MELO, Thálita Motta. Pistas para uma Cartografia Performativa da 'Nova Direita' (2015-2019). *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 9, n. 4, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266091005>. Acesso em: 06 ago. 2025.



Biografia acadêmica

Christina Fornaciari - Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Professora Adjunta no Curso de Dança, Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: christina.fornaciari@ufv.br

Júlia Guimarães - Universidade de Brasília (UnB)

Professora Adjunta no Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

E-mail: julia.mendes@unb.br

Júlia Morena Costa - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Professora Associada da Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, Bahia, Brasil.

E-mail: juliamorenacosta@gmail.com

Juliana Coelho - Universidade de São Paulo (USP)

Artista e pesquisadora independente. Pesquisadora do ASA - Artes, Saberes e Antropologia, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: juliana.coelho.br@gmail.com

Raquel Castro - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Professora Adjunta no Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG, Brasil.

E-mail: raquelcastroemail@gmail.com

Thálita Motta - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Artista e pesquisadora independente, membro do Coletivo Mulheres Encenadoras. Doutora em Artes pela Escola de Belas Artes, na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: thalita.art@hotmail.com

Direitos autorais

Christina Fornaciari, Júlia Guimarães, Júlia Morena Costa, Juliana Coelho, Raquel Castro e Thálita Motta.

Licenciamento

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br>

